

**\* PROMETEUS FILOSOFIA \***  
**CÁTEDRA UNESCO ARCHAI**  
**VIVA VOX**  
**Julho- Dezembro de 2016 volume 9 ano 9 n. 20**  
**ISBN: 2176-5960**

## **A VOZ SILENCIOSA E O CORPO QUE FALA: UM ENSAIO SOBRE O AIKIDO**

Gustavo Racy  
Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade da Antuérpia  
Bolsista da CAPES (BEX1029/15-0)

**RESUMO:** O presente artigo, de cunho experimental e ensaístico, tem como objetivo discutir a experiência (compreendida como artístico-filosófica) da prática e dos ensinamentos do Aikidô, arte marcial japonesa criada na primeira metade do Século XX. A partir da explicação dos preceitos adotados pela filosofia do Aikidô, uma junção de diferentes matrizes culturais japonesas e tomando, ainda que vagamente, referenciais da filosofia contemporânea como Maurice Merleau-Ponty e Henri Bergson, o texto tem como objetivo por em discussão os princípios de uma das chamadas “artes-marciais”, tendo em vista sua validade não só do ponto de vista físico quanto do ponto de vista intelectual e artístico. Forma e conteúdo pondo em xeque a antiga dicotomia corpo-espírito do Ocidente.

**Palavras-chave:** Aikido. Maurice Merleau-Ponty. Henri Bergson. Artes Marciais. Filosofia Japonesa.

**ABSTRACT:** Both experimental and essayistic, the present article focuses on discussing the experience – understood as an artistic-philosophical one – of the practice and teachings of Aikido, a Japanese martial art created in the first half of the 20<sup>th</sup> century. Starting from the explanation of the precepts adopted in Aikido’s philosophy – a merging of different Japanese cultural matrixes – and vaguely referring to contemporary philosophers such as Maurice Merleau-Ponty and Henri Bergson, the article aims to discuss the principle of one of the so-called “martial arts”. The article addresses the value of Aikido not only in the physical but also on the intellectual and artistic sense. Here, form and content call into question the old Western body-spirit dichotomy.

**Keywords:** Aikido. Maurice Merleau-Ponty. Henri Bergson; Martial Arts. Japanese Philosophy.

## 1. A origem do Aikidô

De acordo com um preceito japonês, o cosmos, o universo, é acessado e ativado a partir do corpo, pela interação entre matéria e espírito. A matéria é representada pela água (*mizu*), enquanto o espírito é representado pelo fogo (*ka*). Em combinação, ambos os elementos formam *iki*, vitalidade, e *kami*, divino. Essa é a base do sistema de Morihei Ueshiba, que ficou conhecido como o Aikidô.

O Aikidô é uma arte marcial japonesa criada na primeira metade do Século XX por Morihei Ueshiba, nascido em 1883 em Tanabe, na província de Wakayama. Morihei foi o quarto filho de um próspero fazendeiro da região, Yoroku Ueshiba, com Yuki Itokawa, proveniente de uma família de proprietários de terra de ascendência nobre. Aos sete anos, Morihei foi enviado a Jizodera, um templo budista da seita Shingon, no qual estudou Confúcio e os escritos budistas, se impressionando com o santo budista Kôbo Daishi.

Em sua juventude, Morihei trabalhou no Departamento de Impostos, mudando-se, em 1902, para Tóquio, na tentativa de ingressar numa carreira mais consistente no distrito comercial de Nihimbashi. Nessa estadia em Tóquio, Morihei se iniciou nos estudos das artes marciais, aprendendo *ju-jutsu*, uma arte completa que envolve técnicas de defesa, torções, golpes e luta no chão; e *kenjutsu*, uma das formas de esgrima japonesa.

Voltando a Tanabe após contrair beribéri, Morihei alistou-se no exército, sendo dispensado em 1907, após combater na guerra russo-japonesa. Neste momento, ele entrou em contato com o judô de estilo *kodokan*, como aluno de Kiyochi Takagi. Em 1910, Morihei ingressou num grupo de colonos que deveriam popular a ilha de Hokkaido, no norte do Japão, conhecendo em 1912 Sokaku Takeda, um especialista em *Daito-ryu ju-jutsu*, uma arte derivada do *ju-jutsu* focada em técnicas de torções.

Quando soube que seu pai se encontrava doente, em 1919, Morihei voltou a Tanabe onde conheceu Onisaburo Deguchi, líder de uma seita nova e crescente, a Omoto-Kyo, que pregava técnicas de *chinkon kishin* (acalmo de espírito e retorno ao divino). Após a morte do pai, em 1920, Morihei decidiu se instalar em Ayabe, quartel-general de Deguchi, para se restabelecer de sua instabilidade emocional. Esse foi o momento em que Morihei abriu seu primeiro dojô, a Academia Ueshiba, para cursos introdutórios de artes marciais, em geral para seguidores da Omoto-kyo.

Logo, entretanto, rumores se espalharam de um grande artista marcial e a procura pela academia de Morihei cresceu, passando a aceitar as mais variadas pessoas, como marinheiros da base naval de Maizuru, que ficava nas proximidades. A seita, no entanto, era considerada ilegal e Deguchi foi preso em 1921, naquele que ficou conhecido como o Primeiro Incidente Omoto. Nos dois anos seguintes, Morihei se empenhou em ajudar Deguchi a reerguer a seita, ao mesmo tempo em que se aprofundava nos estudos do *kotodama*.

O *kotodama* é a “ciência esotérica do ‘som espiritual’” (UESHIBA, 1991, p. 74 nota 3). Consiste, de acordo com a doutrina seguida por Morihei, de “sons puros que cristalizam as vibrações de várias concentrações que são conhecidas como som, cor e forma, [...] se se compreende o significado de *kotodama*, pode-se apreender sua função (como água, por exemplo) e incorporar seu espírito (como o fogo)” (*idem*). Em outras palavras, *kotodama* é a busca meditativa pela compreensão dos elementos naturais a partir da “cognoscência” do próprio corpo em relação ao meio e a si mesmo. Pela meditação e prática corporal (não há um sem o outro, no caminho do Aikidô e em geral na doutrina budista em suas diferentes correntes), compreende-se a similaridade entre o corpo e os elementos, o equilíbrio de forças, tornando-se capaz de incorporar a essência desses movimentos na própria existência psíquico-física.

Distanciando-se das práticas tradicionais do *Yagyu-ryu* e do *Daito-ryu ju-jutsu*, Morihei passou a desenvolver técnicas próprias aplicando os princípios do *kotodama*. Em 1922, esse estilo já começava a ficar conhecido como *aiki bujutsu* e, para o público em geral, *Ueshiba-ryu aiki-bujutsu*.

Em 1924, Morihei vive uma aventura que será decisiva para sua vida e para o desenvolvimento da doutrina e das técnicas do Aikidô. Embarcando secretamente com Deguchi, Morihei e um grupo de seguidores da Omoto-kyo partiram à Manchúria na tentativa de encontrar o lugar ideal para uma comunidade experimental que pregasse um governo mundial baseado em condutas e princípios religiosos. Chegando a Mukden no dia 15 de fevereiro, os colonos foram presos por um famoso déspota da região, Chang Tso Lin, que os aguardava junto ao exército chinês, prendendo e condenando-os à morte. Momentos antes da execução, afortunadamente, um membro do consulado do Japão foi capaz de intervir e assegurar a liberação e retorno imediato dos colonos ao Japão. Retomando suas experiências em meio a situações do confronto real, Morihei se viu profundamente abalado, até um dia de 1925 em que, banhando-se numa cachoeira após um treino de esgrima, viveu uma experiência religiosa descrita por seu filho,

Kishomaru Ueshiba (UESHIBA, 1991, p. 14). “Foi uma experiência sem igual para ele, uma revelação na qual sentiu-se renascer, transformando seu corpo e sua mente em ouro. Ao mesmo tempo, a união de seu ser com o universo tornou-se clara para ele, compreendendo assim um por um os outros princípios filosóficos nos quais o Aikidô se baseia”. Esse pode ser considerado o momento de nascimento do Aikidô, tendo Morihei renomeado suas técnicas de *aiki-bujutsu* para *aiki-budô*, mudando o sentido do nome de “arte marcial *aiki*” para “caminho marcial de *aiki*”. Em termos filosóficos ocidentais, a consciência de *kotodama*, tal qual vivida por Morihei no episódio da cachoeira, seria o equivalente à *arkhé* dos gregos. A partir de suas experiências traumáticas na guerra russo-japonesa e na expedição à Manchúria, Morihei declararia que o Aikidô deve ser a manifestação do amor a partir das leis universais do *kotodama*.

## 2. O Caminho e sua ética

Antes de ser nomeado definitivamente de Aikidô, o conjunto de técnicas desenvolvido por Morihei era conhecido, como dito anteriormente, por *aiki-budô*. É necessário que nos empenhemos um momento em compreender a gênese deste nome. Antes de tudo, o *budô* é, na concepção budista e xintoísta, um caminho divino estabelecido pelos deuses que leva à verdade, bondade e beleza; “é um caminho espiritual que reflete a ilimitada absoluta natureza do Universo e o grande processo de elaboração da criação” (UESHIBA, 1991, p. 29). Tudo o que é belo, verdadeiro e bom é, portanto, divino, e é similar à criação da natureza por parte dos deuses. Por isso, o princípio do *budô* segundo a seita Omoto-kyo, pertencente ao xintoísmo, é o *kotodama*, que é o princípio das leis universais naturais, que direcionam e harmonizam todas as coisas, unificando céu e terra, Deus<sup>1</sup> e a humanidade. O *budô* é, assim, uma busca por virtude a partir de princípios considerados universais dos quais as técnicas corporais seriam reflexo da percepção e reunião do corpo com o universo.

Esse caminho só pode ser trilhado a partir de um aprofundamento de nossa consciência corporal e mental. No Aikidô, mente e corpo devem agir juntos, sem contrariedade ou oposição. Isso é parte do processo de descoberta do próprio *ki*, a força vital que preenche, alimenta e conduz tudo que existe. Todos nós somos dotados de nosso próprio *ki*, princípio fundamental de todas as artes marciais sino-japonesas para a

---

<sup>1</sup> Os membros da Omoto-kyo acreditavam que o mundo havia sido criado por um Deus que, por sua vez, deu origem a outros deuses, diferentemente do politeísmo clássico do xintoísmo tradicional.

compreensão do corpo, da mente e da natureza. Ao processo de descoberta do *ki* alia-se a busca da harmonia, *ai*. Descobrir o *ki* e buscar seu equilíbrio já é buscar, necessariamente, a harmonia com o mundo. *Aiki-budô*, portanto, significa o “caminho da harmonia com o *ki*”. Esse caminho é, para a doutrina, o caminho do verdadeiro guerreiro que é não aquele que luta ou infringe um dano, mas aquele que se preenche em valentia.

Nas palavras de um dos *doka*<sup>2</sup> escritos pelo fundador do Aikidô, os princípios ficam claros: “‘Ei!’/ Abata o inimigo/ que está à espreita dentro de si mesmo/ e guie todas as coisas com/ brados de ‘Yaa’ e ‘Iei!’”<sup>3</sup> (UESHIBA, 1991, p. 30). O principal e primeiro inimigo é, portanto, si mesmo, ao que combatemos com a espada de fio duplo (*tsurugi*), que simboliza a sabedoria e a purificação e representa a espiritualidade que deve ser aplicada a cada técnica.

O primeiro princípio do Aikidô se torna, portanto, a superação de si mesmo. Não há desenvolvimento, crescimento ou harmonização, se o praticante não vence, a cada momento, a si mesmo. É muito comum que os iniciantes no Aikidô sejam submetidos a extensos treinos mecânicos das técnicas básicas e escutem dizer que essas técnicas serão as primeiras e as últimas que eles aprenderão, e, portanto, as mais difíceis.

Isso ilustra o que primeiro contato com o Aikidô causa: uma experiência do corpo sem mediação. O praticante se encontra só com sua própria inabilidade e ignorância. O instrutor está presente, sem dúvida, e repete a técnica quantas vezes forem necessárias, mas é o iniciante que, sozinho, deve vencer a barreira de seu próprio medo e limite, sozinho em seu próprio espaço.

Grande parte da doutrina proposta pelo Aikidô deriva do contexto sócio-político que o Japão vivia desde a segunda metade do Século XIX, com a instauração da Reforma Meiji, que abriu os portos japoneses para o Ocidente como um investimento para a modernização e elevação do país ao status de potência abolindo o feudalismo. Um dos investimentos feitos pela nação, na tentativa de se manter atualizada com os progressos industriais trazidos pelos ocidentais, foi a educação, levando japoneses a estudar no exterior e criando escolas técnicas para que a população local pudesse se atualizar. Significativa em meio desta dinâmica foi a consolidação dos estudos de

<sup>2</sup> *Doka* são poemas compostos em sílabas de 5-7-5-7-7 que, ainda que similares a certos *haiku* em forma, não devem ser confundidos com estes.

<sup>3</sup> As exclamações exprimem *kiai*, gritos de controle e energia concentrada, usados para intimidar um possível inimigo e para liberar a energia que se absorve durante a prática. Na opinião pessoal do autor, também para liberar a energia má concentrada em nosso espírito.

*Tetsugaku*, termo cunhado por Nishi Amane para se referir ao pensamento filosófico ocidental e, em oposição a essa então nova tradição no Japão, o conceito de *Rinrigaku*, que define os preceitos de uma filosofia ética explicitamente nipônica.

Nishi se destaca entre os primeiros pensadores modernos japoneses pela sua preocupação em estabelecer os limites entre o nacional e o estrangeiro dentro do pensamento, possibilitando a todas as gerações posteriores de pensadores os instrumentos necessários dentro da língua japonesa para desenvolver uma filosofia autenticamente japonesa que correspondesse ao que se criou no ocidente. (NUNES, 2012, p. 20).

De modo geral, esse *Rinrigaku* se estabeleceu como uma forma de interpretação da própria cultura japonesa a partir da filosofia ocidental como afirmação de algo próprio da cultura nipônica. A formação do Judô por Jigoro Kano é um exemplo deste movimento que se instaura no país, tendo sido pensado como uma exaltação de valores que deveriam contribuir para a formação de caráter dos cidadãos em benefício da ideia de modernidade que o país passara a adotar. Com o Aikidô não é diferente, mas o Aikidô, por seu caráter tardio em relação à época a que agora nos remetemos, surgiu num momento em que a própria ideia de modernidade instaurada no Japão pela Era Meiji já passava por um momento de crise. Entretanto, talvez tenha sido por isso que Jigoro Kano, ao conhecer Morihei Ueshiba na década de 30, tenha supostamente confessado a Morihei ser aquele (o Aikidô), “[seu] budô ideal” (UESHIBA, 1991, p. 15).

O Japão do Século XX se mostrava um país em processo de desenvolvimento rápido, porém tardio, como problemas decorrentes da adaptação de novos hábitos e estilos de vida por vezes conflitantes àqueles vividos até então. Divido entre conservadores e progressistas, algumas parcelas da população criam que o país devia abdicar totalmente de seus antigos costumes chegando mesmo a adotar uma língua europeia, enquanto outras pretendiam o retorno às velhas formas de organização social, entre as quais se encontrava o grupo que tentou colonizar a ilha de Hokkaido, fundando a República de Ezo, grupo do qual Morihei fez parte. A peculiaridade que faz do Aikidô tão único, entretanto, foi precisamente o aspecto tardio, em relação às já existentes artes marciais, de sua consolidação, que o fez descolar do processo nacionalista presente no Japão da primeira metade do Século XX, influenciado pelo neo-Confucionismo e pelo Zen-Budismo, e propondo-se universal, sem demandas ou exigências prévias para seu

ingresso, distanciando-se também do *bushidô* relido por Izano Nitobe, como nos lembra Nunes (2012), já no Século XX, que se apresentava como a afirmação da alma japonesa a partir de caracteres incorporados do pensamento ocidental.

O sincretismo do *aiki-budô*, portanto, é de uma singularidade peculiar. Reunindo diversos aspectos presentes na cultura japonesa da primeira metade do Século XX, pautou um código de ética severo, mas aberto, não havendo exigências para a descoberta do caminho senão o atino ao que se crê correto. Ao mesmo tempo, expira elementos tradicionais do Japão feudal e do caminho samurai, mas se adapta à particularidade de cada cultura. Isto talvez se deva ao fato de que, após um período de crescente interesse nas publicações e reflexões sobre o *Bushidô*, a década seguinte à Guerra Russo-Japonesa viu desaparecer grande parte da busca pelos preceitos samurais que já se encontravam de certa forma incorporados na população e acabaram relegados a ideologias de cunho mais nacionalista ou militarista, adotando um caráter moralista<sup>4</sup>.

É importante lembrarmos, nesse sentido, do estudo feito por Ruth Benedict no Japão do pós-guerra. Em *O Crisântemo e a Espada*, segue-se um interessante relato da pesquisa da antropóloga americana sobre o “círculo dos sentimentos humanos” no qual se explicita a peculiaridade dos hábitos e costumes do Japão referente à diferença entre a interpretação do Budismo frente às leituras sino-indianas. Ao contrário do que acontece em ambos os países, o Budismo japonês nunca condenou o deleite sensual, mesmo se pautando por um código de retribuição severo e estoico.

De acordo com Benedict (2006), o sistema ético japonês poderia ser visto por um caminho único com duas faces. Se, por um lado, não se negam os prazeres sensuais, por outro, exige-se que se conheça o momento de cada esfera da vida, sabendo quando suprimir os desejos e os prazeres pelo sacrifício do dever. Os exemplos são interessantes: o deleite do banho quente e a rigidez dos recorrentes banhos gelados, para que se aprenda a superar as adversidades; o sono fácil e prazeroso e o treinamento para que não se durma, passando-se dois ou três dias sem dormir; o deleite nas refeições demoradas, quando há tempo, e o rápido comer, uma vez que a alimentação não é uma diversão, mas uma pura necessidade orgânica; outro caso diz respeito ao amor romântico e ao prazer sexual. A divisão de uma ética única em duas esferas, a da seriedade e do trabalho, e a da diversão e do prazer, leva a consequências, segundo a antropóloga, difíceis de serem compreendidas pela mentalidade ocidental.

---

<sup>4</sup> A propósito do contexto filosófico e social do Japão, cf. BENESH, 2011.

Retira todo apoio à filosofia ocidental dos dois poderes, a carne e o espírito, lutando continuamente pela supremacia em cada vida humana [...] O espírito e o corpo não são forças opostas no universo, levando os japoneses tal princípio a uma conclusão lógica: o mundo não é um campo de batalha entre o bem e o mal (BENEDICT, 2006, p. 161).

O Budismo japonês levou uma concepção de que cada homem é um Gautama em potencial e que “as regras da virtude não se encontram nos textos sagrados, e sim no que se desvenda em nossa alma iluminada e inocente” (BENEDICT, 2006, p. 163).

### 3. O Aikidô: corpo e mente unos

Àquele que assiste a um treino de Aikidô a sessão tem a aparência de um exercício corporal semelhante a uma sessão de aquecimento ou alongamento, mas em realidade, o Aikidô une ao corpo uma sutil filosofia do espírito. Para um aikidoísta só há Aikidô, isto é, só se pratica a arte marcial, quando se tem em vista o verdadeiro *kannagara*, o estado de harmonização com o funcionamento do divino, sendo este tudo aquilo que inspira reverência e manifesta bondade. O Aikidô, portanto, ultrapassa as barreiras do tatame e se estende à vida como um todo. Tudo que se faz é Aikidô, pois tudo deve tender à harmonia com o cosmos.

O tipo de filosofia do espírito que se deve ter em conta, contudo, deve se distanciar um pouco das concepções clássicas do Ocidente. A concepção de espírito presente na cultura japonesa se alia muito mais ao corpo do que na cultura ocidental, em que tendemos a conceber mente e corpo como coisas distintas, quando não conflitantes. As matérias do espírito, na concepção do *budô*, dizem pouco respeito à oralidade ou mesmo à escrita, isto é, ao conteúdo da escrita, mas se relacionam intensamente com o ato de escrever como prática corporal e artística e a tudo aquilo que exige uma união entre a mente e o corpo: o trabalho manual, o exercício repetitivo, a meditação, a boa postura, o observar e o escutar. Tudo isso representa um enriquecimento do espírito numa dinâmica de íntima relação com o corpo.

O verdadeiro budô/ é impossível de ser descrito/ por palavras ou letras;/ os deuses não permitirão/ tais palavras [e mais adiante] Guarde isso em seu coração;/ técnicas com espadas não são coisas;/ siga o divino - / a alma não fala, / mesmo assim sua divindade brilha (UESHIBA, 1991, p. 30-32).

O que é do domínio do espírito não é, portanto, do domínio das palavras, mas do espírito mesmo e de seu elo com o mundo, o corpo. Isso não significa que a palavra não tenha seu lugar, os *doka* que já citamos aqui expressam bem a funcionalidade da palavra na composição do caminho. São, afinal, poemas didáticos que orientam os praticantes. O que queremos frisar, somente, é o seu limite no que diz respeito à transmissão da experiência do processo de desenvolvimento do corpo e da mente em busca da harmonia e do amor. Pois a verdade é que a harmonização e o elo entre mente/espírito e corpo se dão por um grande processo ritualístico presente no praticar desta arte marcial. Os próprios *doka* são, para além de seu conteúdo, uma forma que fala por si, em sua própria realização como processo físico de escrita. Como bem aponta Fernandes (2011, p. 28),

[não] é condizente com o Aikidô, praticar suas técnicas desvinculadas de seus preceitos. No mesmo sentido, praticar a filosofia que compõe o aikidô sem praticar sua movimentação forma uma lacuna no conjunto Aikidô. Qualquer uma das vivências desvinculada da outra se configura outra prática, que não o Aikidô.

Ao compreender que a prática e a teoria se fundem e são indissolúveis, o treino atinge o nível de um *Shugyô*, um treino intensivo, ininterrupto, para toda a vida, de acordo com os preceitos.

Como entender, portanto, a vivência desta arte marcial que se pretende o caminho da harmonia universal e o caminho do amor? Ora, primeiramente, é necessário compreender que o Aikidô reúne uma série de referências diferentes. Na realidade, é uma arte sincrética, assim como a doutrina religiosa que está em seu cerne, reunindo elementos do *ju-jiusu*, do *kenjutsu* e do *Daito-ryu*. E não só, mas em termos filosóficos, o Aikidô constitui ainda uma corrente de pensamento que mescla o xintoísmo clássico com elementos do budismo Shigon (diferente do Zen-Budismo), a concepção monoteísta e os preceitos do *bushidô*, o código de honra dos samurais feudais. Em suma, portanto, o Aikidô se formou e permaneceu, enquanto filosofia, como uma doutrina aberta.

São diversos os aspectos do dojô e da prática que nos ajudam a compreender a vivência no Aikidô como uma experiência estética do corpo. Talvez o primeiro que devemos citar, por ser o mais simples, seja o simbolismo presente na ritualização da vida no Aikidô. O *bushidô*, o código de honra samurai, se pauta em sete virtudes consideradas necessárias ao verdadeiro guerreiro: honra, coragem, justiça, compaixão,

lealdade, cortesia e sinceridade. Essas sete virtudes estão presentes na vestimenta tradicional do aikidoísta. Ao praticante experiente, que já é considerado iniciado no Caminho (oficialmente o 1º. Dan, o “faixa-preta”), é permitido o uso do *hakama*, uma calça de pernas largas, similar a uma saia dividida por sete fendas, cinco à frente e duas atrás, que representam as sete virtudes necessárias ao guerreiro, e cuja presença na vestimenta garante o não esquecimento.

A primeira prática no dojô é a limpeza do espaço. Os praticantes, em geral encabeçados pelo *uchideshi*, o praticante mais experiente, imediato do Sensei (“aquele que veio primeiro”) e responsável pelo dojô, se unem e limpam a arena de treino. Após a limpeza do local, os praticantes são convidados ao treino, organizando-se em *seiza*, a posição formal sobre os joelhos, em direção a uma imagem do fundador do Aikidô e do templo Omoto-kyo simbolizando a presença divina, ao que despendem momentos de relaxamento, meditação e oração, iniciando a sessão finalmente com o convite advindo do Sensei pela exclamação “*Onegai-Shimasu*”, isto é “peço-lhe, por favor”, “convido-lhe”, ao que todos respondem com a mesma exclamação fazendo uma reverência. Esse ritual expressa simbolicamente a igualdade de todos, apesar da hierarquia, na busca comum da melhoria físico-espiritual. Os mais experientes dão o exemplo, que é seguido pelos menos experientes, que devem buscar a compreensão de cada passo dado no exercício da vida comunal do dojô.

O segundo princípio com o qual se tem contato imediato é o de *Ma-ai*. Esse é o princípio da distância perfeita, da conexão harmônica por meio do intervalo de espaço correto entre dois corpos: o do *uke* e o do *nage*, isto é, daquele que exercita o *waza* (a técnica) e daquele que acompanha o movimento. Não há *Ma-ai* se os praticantes não compreendem o posicionamento ideal do corpo para a prática do Aikidô: os calcanhares devem ser alinhados, um pé apontando para frente e o pé traseiro angulado em 45°. As mãos devem estar abertas, uma defendendo a região do púbis e a outra em riste, defendendo o rosto, mas também sendo oferecida ao atacante, segundo o princípio da não resistência. O umbigo, referência do *Saika Tanden*, ponto cerca de três dedos abaixo do umbigo que concentra o *ki*, deve apontar para frente, com um leve relaxamento do quadril, que se apoia no próprio peso do corpo, dividido entre as duas pernas. Esse relaxamento, chamado *hanmi*, é ponto fundamental para a excelência do *Ma-ai*. Cada praticante deve compreender seu próprio corpo para a execução da prática perfeita.

Deste modo, a prática do aikidô se inicia com uma conscientização do corpo que ultrapassa o uso cotidiano de nosso próprio espaço. A postura, imprescindível para a

prática da arte, se torna um dos pilares da busca pelo caminho, exigindo concentração para a transformação do uso da própria corporeidade.

Relembrando a ideia de Valéry, citada por Merleau-Ponty (1980, p. 88), o

pintor ‘emprega seu corpo’. [...] Emprestando seu corpo ao mundo é que o pintor transforma o mundo em pintura. Para compreender estas transsubstanciações, há que reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é um pedaço de espaço, um feixe de funções, mas um entrelaçado de visão e de movimento.

Isso não é menos verdade no caso das artes marciais e talvez principalmente do Aikidô. Seja como for, o aikidoísta, seguindo os preceitos do *kotodama*, busca exatamente a transformação do mundo para uma nova forma de relação.

O corpo do aikidoísta,

já que vê e se move, [...] mantém as coisas em círculo à volta de si; elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas na sua carne, fazem parte da sua definição plena, e o mundo é feito do próprio estofado do corpo (MERLEAU-PONTY, 1980, p. 89).

O trecho trata da pintura e do pintor, mas bem poderia se tratar do Aikidô e do corpo que o compõe, pintando, rubricando, ideogramando a natureza no espaço livre. Pois este é um corpo que passa a se reconhecer em ligação com todo o ambiente que o envolve, transformando-o em sua própria corporeidade. Esse é o conceito de *Ryu*, isto é, mobilidade, fluidez. Todo movimento no Aikidô deve ser fluido e similar às três leis universais do *kotodama*, expressas pelo triângulo, pelo círculo e pelo quadrado e representadas nos exercícios de respiração durante a execução dos *wzas*. O Aikidô deve fluir como as três formas básicas da natureza.

Por isso, o Aikidô apresenta similaridades com a dança e o teatro. O Aikidô se efetiva pela mobilidade de um corpo que se transforma. Guiar-se pelas formas básicas da natureza nos leva à compreensão das vibrações presentes nos componentes do ambiente que nos circunda. Esse é o fim do *kotodama*: captar as vibrações para a transformação do espaço, a ele se harmonizando.

Nesse ponto unem-se, no Aikidô, o rigor formal e a fruição emotiva. O corpo responde a uma formalidade rigorosa, enquanto a mente usufrui sensivelmente do sucesso da transformação espacial.

Diz-nos, neste sentido, Henri Bergson (1979, p. 83):

Cada um de nós é um corpo, submetido às mesmas leis de todas as outras partes da matéria [...] Mas, ao lado destes movimentos que são provocados mecanicamente por uma causa exterior, existem outros que parecem provir do interior e que diferem dos precedentes por seu caráter imprevisível [...] Qual é a sua causa? É aquilo que cada um de nós designa pela palavra ‘eu’.

E esse “eu” descrito por Bergson seria uma entidade que ultrapassa tudo aquilo a que está ligado, seja no tempo seja no espaço. É, portanto, uma força centrífuga e centrípeta ao mesmo tempo, que se expande e se retrai numa dinâmica que cria o novo no ambiente envolvente, “já que desenha no espaço movimentos imprevisíveis, imprevisíveis. E ela cria o novo também no interior de si mesma, pois a ação voluntária reage sobre quem a realiza” (BERGSON, 1979, p. 84). A isso se alia o conceito de *enten*, ou “integração circular”, descrita pelo O’Sensei da seguinte forma: “Todas as formas físicas de existência, quando animadas em mente e corpo, respiram em conjunção ao universo. Esta respiração se expande circularmente, cada vez mais ampla, aliando cada e todo indivíduo à respiração cósmica da vida” (UESHIBA, 2004, p. 22)

Como dissemos antes, não há divisão, na ética japonesa, entre corpo e espírito, e essa afirmação de Bergson nos mostra a maturidade desta concepção para o pensamento. Afinal, é a pura constatação de que a “‘alma’ jamais opera sem um corpo” (*idem*).

Ora, essa experiência é, no Aikidô, imediata. A ligação entre o corpo e o “estado de espírito”, como se costuma dizer, deve ser, na medida do possível, inquebrável. Na realidade, essa ligação já é de fato inquebrável, mas somos levados a despender nossa atenção a outras coisas, guiados pela repetição mecânica involuntária do dia-a-dia contemporâneo. É por isso que os alunos, guiados pelo Sensei, se organizam minutos antes do início do treino, já aquecidos e concentrados pela limpeza do dojô, para meditar e refletir sobre as vibrações do *ki* que perpassam o corpo em forma de energia, aliadas sempre ao estado de ânimo em que a pessoa se encontra. O objetivo é que as más energias, as preocupações, irritações e constrangimentos do dia-a-dia, sejam passados para o lado de fora do dojô ou eliminados no próprio tatame pela prática da arte.

O princípio do Aikidô como arte aberta e “mestiça” (ou “castiça”), integrando diferentes aspectos da cultura do Extremo-Oriente, levou à inovação e criação de conceitos puramente sensórios e físicos, limitados a curtas explicações intelectuais.

Nada, absolutamente nada, numa arte como o Aikidô, pode ser completamente compreendido quando pronunciado à voz alta ou num texto como esse que aqui se apresenta. Há uma “voz do silêncio” e um “corpo que fala” que penetra as bases desta prática cujo princípio e fim, a aliança entre mente, corpo e espírito, são os aspectos mais difíceis de alcançar. Pois a meta é a origem e, precisamente por isso, não é algo a se “alcançar”, mas a se viver e a se entender por meio do corpo, da mente e do espírito eles mesmos. *Seiza Naikan* é o conceito que poderia ser traduzido por “introspecção estabelecida” (lembrando que *seiza* é também a posição de joelhos que se adota nos momentos iniciais e finais do treino, bem como em algumas técnicas). Este conceito é fundamental à prática e compreensão do Aikidô. Eis como o segundo Doshu, Ueshiba Kishomaru Sensei (2004, p. 31) a explicou: “Movimento na imanência”.

A aparente simplicidade dos conceitos leva a lógica ocidental ou a se perder em inúteis elucubrações na tentativa de atingir a compreensão ou a uma preguiçosa postura derrotista de desistir perante a dificuldade. A questão é que a ideia posta em palavras não é nada sem sua materialidade, dada por sua prática como corpo. Essa é a realidade: ideias manifestas por meio de todas as nossas potencialidades: mente, espírito, corpo. O que significa, no Aikidô, uma palavra como “controle” (*katame*)? Primeiramente, ela é um conceito, não uma palavra. Não se pode ignorar o sistema de escrita japonês em que cada palavra se representa com uma figura, o que leva a própria palavra e todo o sistema de escrita ao status de um sistema conceitual integrado: a escrita é, ela mesma, arte e, representando uma ideia, conceito; ideia essa que se manifesta no e pelo corpo e na restante materialidade do cosmos. Em segundo lugar, *katame* é o princípio de controle natural do “eu” e do inimigo. No Aikidô, nenhuma técnica interrompe o curso natural do corpo de ambos, *uke* e *nage*, mas se vale disso para vencer o combate contra si mesmo e contra o outro. *Katame*, portanto, é o controle de si e do oponente, o que significa o aprendizado, pelo corpo através do espírito, do valor de si e do outro a partir da responsabilidade e da conscientização do significado de se ter controle sobre um corpo. Esse aprendizado é ético, mas também artístico, na medida em que se expõe, se faz ver, como o belo que prescinde do bem, de acordo com os preceitos do Aikidô.

Pode-se dizer que o Aikidô se pauta como uma linguagem do corpo em relação ao mundo. O *ki*, energia primordial, é o movente primeiro. O vigor inicia a ação, o *ki* a impulsiona, e a concentração do *ki* traz à tona ainda mais *ki*, gerando força física. Força esta que é, paralelamente, espiritual, pois o *ki*, antes de se expor como força física, não é desta alienado. Na escola Kito Ryu, uma das escolas que deu origem ao Aikidô, *ki*

significa “elevar” e *to* significa “cair”. Esses princípios seguem o caminho natural do *yin-yang*, da oposição entre os contrários cuja síntese não é, como numa dialética hegeliano-marxista, a superação dos opostos em algo novo, mas precisamente o conjunto das oposições, como a Roda da Fortuna de Boécio ou a contradição natural do sentimento religioso em Kierkegaard.<sup>5</sup> A não resistência sobre o cair e o levantar é o princípio do Aikidô que o difere da maioria das artes marciais.

Kishomaru Ueshiba cita o *Budo Hiketsu: Aiki no Jutsu*: “A coisa mais maravilhosa deste mundo é a arte do *aiki*. A arte do *aiki* é um mistério [...] Um *kiai* projetado com *aiki* é tão poderoso que desafia toda definição. As coisas mais maravilhosas não podem ser explicadas por palavras”<sup>6</sup> (*apud* UESHIBA: 2004, p. 66). Neste trecho de um dos textos secretos do Budô, se faz referência ao princípio do *aiki* presente em diversas artes japonesas. É necessário compreender, caso não se tenha esclarecido devidamente, que o Budô postava uma educação e um estilo de vida no qual cada arte necessariamente se aliava a outras. *Aiki* é o princípio da arte marcial do jujútsu, do iaidô (a arte de desembainhar a espada), do kendô (a esgrima), do kyudô (o arco e flecha), do chá-dô (cerimônia do chá), da caligrafia, daquilo que Bashô transformaria em arte, o haikû e da arte da guerra. Entretanto, o real objetivo do Budô, nessa dinâmica pedagógica e ética, é a conquista da vitória contra os inimigos de nossa própria mente. Seguindo novamente o princípio do *yin-yang*, a vida, numa dinâmica do exterior-interior, se pauta, através do Budô, como um aprendizado vitalício a partir da percepção silenciosa do mundo ao redor: pessoas, animais, natureza, situações, guerra, amor (tanto sexual quanto fraternal ou universal). Em suma, um princípio de percepção do corpo no cosmos, como cosmos. A percepção do Budô desta forma, entretanto, é resultado das transformações ocorridas nas artes marciais, derivadas do movimento histórico e do desenvolvimento do Japão moderno, no qual um país de cultura milenar se viu obrigado a abrir mão precisamente de um modo de vida ético que lhe rendera tal cultura tradicional. À emergência do nacionalismo que, pela via prussiana, conservou o Budô a partir do princípio guerreiro somente, pessoas como Morihei Ueshiba e Jigoro Kano, empregando o princípio da não-resistência, mantiveram o Budô do jujútsu pela via do aperfeiçoamento do caráter pessoal, e não pela via da “sobrevivência do mais

<sup>5</sup> Cf. BOÉCIO, 2011; KIERKEGAARD, 2011.

<sup>6</sup> *The most marvelous thing in this world is the art of aiki. The art of aiki is a mystery [...] A kiai projected with aiki is so powerful it defies all definition. The most marvelous things cannot be explained with words.* (No original).

apto”, um dos componentes do Budô do Japão Medieval, dividido entre feudos em constante guerra entre si. O Judô e o Aikidô surgiram e seguem sendo artes irmãs<sup>7</sup>.

Sem dúvida, esta ressignificação histórica do princípio do Budô foi vital para a consolidação do Aikidô como uma forma de arte eminentemente moderna e diversificada. Mas além desta questão, o princípio do kotodama, a “ciência dos sons sagrados”, já citado, foi tanto quanto, ou até mais, fundamental. O kotodama são palavras ditas por uma pessoa de caráter elevado e possuída de total integração entre mente e corpo. O que isso significa, entretanto? “*Kototama* reside além do reino do discurso, da palavra, da voz, do som ou da entonação. É a essência de todas essas vocalizações”<sup>8</sup> (UESHIBA, 2004, p. 75). É o princípio da compreensão dos sons que escapam ao domínio da língua, que permitem a identificação e a comunicação com os poderes invisíveis regentes da existência. Por isso o *kiai*, o *ki* concentrado de forma vocalizada é tão importante. O *kiai* expressa a união entre corpo e espírito como linguagem da e com a natureza. Linguagem esta cujo sentido transcende a voz, as palavras, a língua e o próprio som. Como explicar este princípio, então, num artigo acadêmico como este? A resposta é que não se pode explicar, de fato. Podemos, como fizemos até agora, organizar os princípios regentes da arte marcial Aikidô, mas nada além disso. Não poderemos explicar o que é ou como se faz, ou como se luta ou se treina. Não obstante, essa impossibilidade deixa claro precisamente o objetivo que aqui nos propusemos a expor: a experiência do Aikidô como uma vivência artística (corpo), ética (mente) e filosófica (espírito) que almeja e apresenta uma concepção unificante pelo princípio da não-resistência frente ao yin-yang, a oposição dos contrários, tendo em vista a iluminação pessoal e o aperfeiçoamento do caráter.

Esses princípios nos mostram o cosmos como algo totalmente aberto a nós, onde o par coisa-consciência não cai na “*imanência* da coisa inerte, sem horizonte, e nem na *transcendência* de uma consciência pura, sem obstáculos”<sup>9</sup> (CARMO, 2007, p. 44). Nenhuma coisa é inerte, pois tudo é um horizonte real, e nenhuma consciência é pura, pois é consciência de algo que não é obstáculo (pois o princípio *aiki* não vê as coisas como obstáculos no sentido negativo), mas um desafio que nos impulsiona à melhoria.

<sup>7</sup> O Judô seguiu uma linha budista zen e xintoísta mais tradicional no Japão do que o Budismo Shingon e a seita Omoto-kyo do Aikidô. A biografia de Bashô escrita por Paulo Leminski é, indiretamente, uma bela homenagem ao Judô, na medida em que traça, de forma literária, um certo sentimento, uma sensibilidade própria à arte como fenômeno que engloba diferentes esferas da criação humana. Cf. LEMINSKI, 2013.

<sup>8</sup> *Kototama* lies beyond the realm of speech, words, voice, sound, or intonation. It is the essence of all those vocalizations. (No original).

<sup>9</sup> Grifos do autor.

O *kotodama* em parte é precisamente esse desafio da percepção das coisas cujo sentido não é da ordem da palavra, da fala ou da língua, mas da percepção concentrada no conjunto corpo-mente-espírito, do qual a voz pura faz parte (o *kiai*, por exemplo). Mas é precisamente por isso, por ser esta voz silenciosa, que o princípio do *aiki* é tão completo. Em sua inexplicabilidade reside sua riqueza. Não é que a linguagem falada não lhe seja fundamental. A experiência se transmite, também, pela língua falada, pela história, mas ele engloba em si, como conjunto, também aquilo que não pode ser dito. Pode-se explicar até a exaustão o princípio dos sons sagrados, da força universal do *ki*, mas isso só não é suficiente, e nada a não ser o silêncio e a expressão a partir do som que não faz parte nem da língua nem da fala, tornará, junto à poesia e à caligrafia, a experiência do *ki* tão viva e significativa.

O Aikidô, em suma, traduz em diversas formas de expressões (corporal, pictural, literária), aquilo que em nós se dá como sentimento. Toda nossa percepção do mundo, por meio da espontaneidade que atravessa nosso corpo e nossa fala. Traduz em linguagem cada vez mais profunda a percepção irrefletida que experienciamos no mundo, mas precisamente por sua experiência de voz silenciosa, permite a espontaneidade cada vez mais aperfeiçoada, ou pelo menos a isso almeja.

Em paralelo à frase inicial de *O Olho e o Espírito*, o Aikidô recusa-se a não habitar as coisas. O corpo é tão mediador quanto a consciência, e nenhum está sujeito ao outro, tampouco são independentes. Formam um conjunto cujo equilíbrio deve ser buscado, eis aí a explicação da fórmula do *kishintai* (espírito-corpo-mente). Uma vez atingido o equilíbrio, compreende-se a força vital que alia tudo a todos e vice-versa. Pode-se dizer do Aikidô o que Bergson afirma da “força consciente”, que

cria o novo em torno dela, já que desenha no espaço movimentos imprevistos, imprevisíveis. Ela cria o novo também no interior de si mesma, pois a ação voluntária reage sobre quem a realiza, modifica numa certa medida o caráter da pessoa de quem emana e realiza, por uma espécie de milagre, esta criação de si por si que parece ser o próprio objetivo da vida humana (BERGSON, 1979, p. 84).

Mesmo que, numa esfera talvez somente esboçada pelo pensamento ocidental, a ideia da criação de si por si venha abaixo, uma vez que o “si por si” no mundo se traduz no Aikidô como o “tudo por tudo”: eu (mente-espírito-corpo) e o mundo (mente-espírito-corpo-eu).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEDICT, R. *O Crisântemo e a Espada. Padrões de cultura japonesa*. Trad. César Tozzi. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BENESH, O. *Bushido: the formation of a Martial ethic in Late Meiji Japan*. [tese] Vancouver (BC): Universidade da Colúmbia Britânica, 2011.
- BERGSON, H. *A Alma e o Corpo*. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. IN: Coleção Os Pensadores. Bergson. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. Trad. Luís Manuel Gaspar Cerqueira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- CARMO, Paulo Sérgio do. *Merleau-Ponty. Uma Introdução*. São Paulo: EDUC, 2007.
- FERNANDES, Juliana A. G. *O Teatro como Budô – O Aikidô em Cena*. [dissertação]. Campinas (SP): UNICAMP, Faculdade de Educação, 2011.
- KIERKEGAARD, Søren. *O Conceito de Angústia*. Trad. Álvaro Valls. São Paulo: Vozes de Bolso, 2011.
- LEMINSKI, P. *Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- MERLEAU-PONTY, M. *O Olho e o Espírito*. Trad. Marilena Chauí. IN: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- NUNES, Gabriel P. A Contribuição do Bushidô de Nitobe para a criação do Estado Moderno Japonês. IN: *Revista Kínesis de Estudos Pós Graduados em Filosofia da UNESP*. V. 4, nº 7, p. 17-34, 2012. Disponível em:  
<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/gabrielpintonunes17-34.pdf>
- UESHIBA, K. *Art of Aikido*. Trad. John Stevens. Tokyo: Kodansha International, 2004.
- \_\_\_\_\_. Introdução. IN: Ueshiba, M. *Budô. Ensinaamentos do Fundador do Aikidô*. Trad. Paulo C. de Proença. São Paulo: Cultrix, 1991.

## GLOSSÁRIO

**Aiki-budo:** O “caminho pela harmonia universal”. Um dos nomes iniciais do Aikidô.

**Budo:** O “Caminho Marcial”. Budo, em geral, significa “arte marcial”, mas seu sentido real envolve mais do que o conjunto de técnicas que perfazem uma arte marcial. O termo budo compreende todo o sistema filosófico e religioso que pode compor uma arte marcial. Ao mesmo tempo, o termo *do* (caminho) em japonês envolve a experiência. O “Caminho”, portanto, só pode ser atingido com a prática.

**Bushido:** O “caminho do guerreiro”. Série de preceitos e condutas que designam o caminho intelectual, espiritual e físico a serem buscados pelos samurais.

**Chinkon kishin:** Complexa prática respiratória, de acordo com Mitsugi Saotome, autor de *Os Princípios do Aikidô*, o chinkon kishin é uma “prática cuja intenção é ajudar o praticante a se unir ao espírito universal e a auxiliar na compreensão da missão divina cuja realização é o objetivo da vida”.

**Daito-ryu aiki-jujutsu:** Um dos seguimentos do ju-jutsu focado em técnicas de torção. Morihei Ueshiba treinou sob instrução do mestre Takeda Sokaku e o Daito-ryu se tornou a maior influência na criação do Aikidô.

**Haiku:** Forma poética popular japonesa.

**iki:** Vitalidade. Junto a kami, é um dos princípios do Aikidô (cf. kami).

**ju-justsu:** Uma das mais antigas artes marciais japonesas. Com a modernização do Japão, as técnicas potencialmente fatais do ju-jutsu levaram a prática da arte a ser criminalizada. No entanto, seus diversos segmentos deram origem a diferentes artes modernas, como o aiki-jujutsu, o aikidô e o judô.

**Ka:** fogo, representação do espírito.

**kami:** Divino. Junto a iki, o divino é um dos princípios fundadores do Aikidô, cuja revelação foi vista pelo fundador, precisamente, como divina (cf. iki).

**kannagara:** O significado de kannagara foi amplamente discutido e seu uso largamente empregado durante a Era Meiji. Acima de tudo, o termo deriva de uma ideia de dignidade ligada ao divino. Muitas vezes, kannagara é tido como sinônimo de Shintô e shintoísmo.

**kenjutsu:** Arte marcial dedicada ao domínio do manuseio da katana, a espada samurai.

**kiai:** Manifestação do ki através de sua vocalização. Em suma, o grito emanado pelos praticantes de artes marciais que deve reunir a energia do atacante, liberada, de uma vez, em sua defesa.

**ki:** Energia universal. Presente em tudo e todos, o ki é a energia que nutre, estabiliza ou desestabiliza a vida no cosmos.

**kodokan:** Uma das escolas de judô.

**kotodama:** A ciência dos sons universais. O kotodama é uma doutrina mística que se foca na investigação dos sons, palavras e nomes universais, que possuiriam o poder mágico de afetar o mundo material.

**ma-ai:** Distância entre os combatentes.

**Mizu:** Água; representação da matéria.

**nage:** Aquele que, na prática de uma arte marcial, aplica uma técnica (cf. uke).

**Omoto-kyu:** “Grande Fonte”, ou “Grande Origem”, a Omoto-kyu é uma religião contemporânea de raiz shintoísta. O princípio da Omoto-kyu prega pela união do homem com Deus, que, quando atingida, manifesta autoridade e poder infinitos.

**Rinrigaku:** Termo cunhado na Era Meiji para definir o sistema filosófico ocidental, à oposição do nipônico. (cf. Tetsugaku).

**Shingon:** Seita budista de viés esotérico. *Shingon* é o termo japonês para *Zhényán*, que por sua vez é a tradução chinesa do sânscrito *mantra*.

**Tetsugaku:** *tetsu* (conhecimento) + *gaku* (aprendizado). Termo criado durante a Era Meiji e utilizado para definir o *corpus* filosófico ocidental, em oposição ao nipônico, que começava a ser sistematizado então. (cf. Rinrigaku).

**uke:** Aquele que, na prática de uma arte marcial, recebe a técnica exercida pelo nage (cf. nage).

**yagyu-ryu:** Yagyu Shinkage-Ryu, uma das escolas mais antigas de kenjutsu, remontando ao Século XVI (cf. kenjutsu).